

A Natureza da Glossolalia de Corinto: Opções Possíveis

Vern Sheridan Poythress

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / felipe@monergismo.com

[Publicado no *Westminster Theological Journal* 40/1 (1977) 130-135. Usado com permissão.]

A discussão exegética da natureza do falar em línguas em Corinto tem algumas vezes sido impedida por clareza insuficiente sobre as opções disponíveis. Por exemplo, o artigo de Robert H. Gundry no *J.T.S.* nos confina a duas opções: “discurso extático” ou “a capacidade miraculosamente concedida de falar um idioma humano estranho ao orador”.¹ Mas o rótulo “discurso extático” descreve o estado psicológico do orador, enquanto que a descrição em termos de “um idioma humano estranho ao orador” trata com a classificação científica do discurso (o produto da fala). Isto é misturar maçãs e laranjas. Para uma discussão clara, precisamos distinguir pelo menos cinco parâmetros diferentes de classificação.² (1) Qual era o estado psicológico do orador no momento do discurso? (2) Até onde o orador “entendia o que estava dizendo”, quer na hora ou depois? (3) Como os ouvintes de Corinto viam o que estava sendo expresso? (4) Qual é a classificação do produto da fala em termos científicos modernos? (5) Como o apóstolo Paulo classifica os discursos linguisticamente? Eu discutirei essas questões uma a uma.³

1. Qual era o estado psicológico do orador no momento do discurso?

As alternativas são (a) consciência normal e (b) estados alterados de consciência. Estados alterados de consciência podem ser de muitos tipos: cochilo, embriaguez, “alta” emotividade, auto-hipnose.⁴ Como Cyril G. Williams coloca: “Êxtase é um termo muito vago para se aplicar, a menos que seja abundantemente qualificado para deixar claro que há muitos graus dele, abrangendo desde a dissociação leve até o arrebatamento extremo incontrolável”.⁵ 1 Coríntios 14:28 é de fato uma indicação

¹ Gundry, “‘Ecstatic Utterance’ (N.E.B.)?” *J.T.S.* N.S. xvii (1966), p. 299. Similarly Carl G. Tuland, “The Confusion About Tongues,” *Christianity Today* xiii (1968–69), pp. 207–09; J. Massingberd Ford, “Toward a Theology of ‘Speaking in Tongues,’” *Theological Studies* xxxii (1971), p. 3. O artigo de Ford contém uma análise valiosa da opinião entre os eruditos.

² Distinções menos elaboradas, procedendo na mesma direção, são encontradas em Cyril G. Willarns, “Glossolalia as a Religious Phenomenon: ‘Tongues’ at Corinth and Pentecost,” *Religion* v (1975), pp. 16–32.

³ The partial independence of these parameters is attested by modern behavioral-science research on glossolalia. Cf. William J. Samarin, *Tongues of Men and Angels* (London, 1972); E. Mansell Pattison, “Behavioral Science Research on the Nature of Glossolalia,” *Journal of the American Scientific Affiliation* xx (1968), pp. 73–86; Watson E. Mills, “Literature on Glossolalia,” *Journal of the American Scientific Affiliation* xxvi (1974), pp. 169–73. All three of these sources have extensive bibliographies.

⁴ Cf. Arnold M. Ludwig, “Altered States of Consciousness,” *Trance and Possession States*, ed. Raymond Prince (Montreal, 1968), pp. 69–95.

⁵ Williams, *op. cit.*, p. 21.

que, pelo menos ordinariamente, o estado de consciência não altera tão severamente a pessoa ao ponto dela perder o “auto-controle”.⁶ Mas, todavia, é psicologicamente improvável que ninguém dos que falavam em línguas em Corinto jamais foi emocionalmente estimulado. O estado de consciência deles pode ter se estendido desde o normal até certo tipo de arrebatamento emocional. Visto que diferentes faladores de línguas em Corinto teriam diferentes constituições psicológicas, não há nenhuma razão pela qual eles não poderiam diferir quando falavam em línguas. O registro em 1Coríntios não nos permite falar de uma forma mais específica.

2. Até onde o orador “entendia o que estava dizendo”?

As alternativas são (a) ele entendia plenamente, tão plenamente como alguém que fala sua língua nativa; (b) ele entendia parcialmente, quer captando a tendência geral ou identificando palavras ou unidades de significado aqui e acolá; (c) ele não entendia nada. No caso daquele que fala em língua sem o dom de interpretação, 1Coríntios 14:14 parece colocar as coisas na categoria (c), embora um pouco de (b) não deveria ser dogmaticamente excluído.⁷ Se o orador fosse também um intérprete, ele presumivelmente cairia na categoria (a). Na teoria, uma interpretação poderia acontecer pelo menos de duas formas: (i) O intérprete poderia receber algo como um domínio da língua nativa do discurso, e, portanto, ser capaz de dar o significado de morfemas, palavras, frases e construções sintáticas, bem como de discursos completos. (ii) O intérprete poderia receber a interpretação “completa”, sem domínio de um idioma. Este último método é o que supostamente ocorre nos círculos carismáticos modernos. Em todo caso, línguas “puras” (sem interpretação) não eram compreensíveis ao orador.

3. Como os ouvintes de Corinto viam o que estava sendo expresso?

Certamente, eles entendiam isso como uma manifestação do Espírito. Mas o que eles viam em termos lingüísticos? As alternativas principais são (a) sons desconexos, ejaculações, e outras coisas que não seriam confundidas com um idioma humano natural; (b) uma seqüência conexa de sons que soavam para eles como um idioma humano que não conheciam; (c) discurso num idioma que eles não conheciam (grego, latim, ou algum idioma minoritário). Como Gundry argumentou, o uso de *glōssa*, o uso de *laleō* e *legō* (1Coríntios 14:16), e o paralelo com Atos 2 tende a excluir a opção (a).⁸ Isto separa o fenômeno de Corinto de uma boa quantia de fenômeno oracular e estático nas religiões helenísticas. Depois, 1Coríntios 14:28 e 14:13 juntos mostram que, como regra, as línguas de Corinto não estavam na categoria (c). Em geral, um dom especial do Espírito, não meramente a capacidade natural de entender outro idioma, era necessário para a interpretação de línguas (1Coríntios 12:10,30). Contudo, se houvesse alguns casos de tipo (c) em Corinto, eles de modo concebível seria incluídos na regra de 1Coríntios 14:28. Então, 1Coríntios 14:28 teria o seguinte sentido: se não houver ninguém presente que tenha o dom espiritual de interpretar, e ninguém que possa interpretar por meios naturais, que aquele que fala em línguas fique em silêncio na igreja. Ainda assim, isso é um pouco estranho. Como aquele que fala em língua saberia de antemão qual linguagem humana identificável ele falaria,

⁶ Simon Tugwell, “The Gift of Tongues in the New Testament,” *Exp. T.* lxxxiv (1972–73), p. 137; Gundry, *op. cit.*, p. 306.

⁷ Against Archibald Robertson and Alfred Plummer, *A Critical and Exegetical Commentary on the First Epistle of St. Paul to the Corinthians*, 2d ed. (New York, 1929), p. 267.

⁸ Gundry, *op. cit.*, pp. 299-307.

para verificar se alguém na assembléia local tinha a capacidade natural de traduzir? Assim, nossa impressão é confirmada de que a maioria, se não todas, as línguas de Corinto estava na categoria (b).

4. Qual é a classificação do produto da fala em termos científicos modernos?

As duas alternativas principais são (a) uma porção conectada de um idioma humano conhecido; (b) uma porção não identificável como um idioma humano conhecido, mas tendo uma estrutura como de idioma de acordo com o critério da lingüística moderna; (c) uma porção com fragmentos a partir de idiomas humanos conhecidos, mas com outras partes desconhecidas; (d) uma porção sem fragmentos a partir de idioma humano conhecido, tendo desvios lingüísticos dos padrões comuns aos idiomas humanos, todavia, sendo indistinguível de um idioma estrangeiro por um ouvinte leigo; (e) porções desconexas, murmúrios, gemidos, e outras coisas misturadas facilmente distinguíveis de um discurso humano verbal. Muita da glossolalia moderna está na categoria (d). Uns poucos casos estão na categoria (c).⁹ Quanto às línguas de Corinto, a informação que já temos colhida de 1Coríntios 14 exclui a opção (e), mas todas as outras opções ainda são possíveis. (a) é possível, visto que aqueles que falavam em línguas em Corinto poderiam falar num idioma humano desconhecido por toda a assembléia, mas conhecido em algum lugar no mundo (e.g., banto, chinês). A opção (a), certamente, seria eliminada por aqueles cujas pressuposições requerem sua eliminação. Mas com a evidência disponível, parece não haver nenhuma esperança de decisão entre as alternativas (b)-(d), ou mostrar se várias delas ocorreram em Corinto.

5. Como o apóstolo Paulo classifica as expressões linguisticamente?

O uso do apóstolo de *lalein glōssē* indica que ele as classificava como semelhantes a idiomas, provavelmente de certa forma no sentido abrangido pelas alternativas (a)–(d). Ele as considerava como significativas e inteligíveis pelo menos para Deus (1Coríntios 14:2). Contudo, nem ele nem os coríntios poderiam ter distinguido entre as alternativas (a)-(d) pelos meios naturais disponíveis para eles. Por meios naturais, eles não poderiam ter determinado se todas os discursos estavam em apenas uma das categorias (a)-(d) ou se alguma estava em categorias diferentes. Certamente, em Corinto poderia haver uns poucos casos de “línguas” onde alguém identificaria o idioma humano – quanto a alternativa (a) – ou o fragmento de idioma – quanto a alternativa (c) – algo conforme o modo registrado em Atos 2.¹⁰ Mas, de acordo com 1Coríntios 14, no caso usual não haveria tal identificação.

O que então? O apóstolo Paulo tinha (ou pensava ter) uma revelação especial sobrenatural sobre o assunto, definindo mais rigorosamente o status lingüístico de alguns ou todos os casos de línguas em Corinto? Isto é teoricamente possível, mas não penso que seja provável. Em primeiro lugar, o apóstolo parece não estar muito interessado no status lingüístico exato das línguas (1Coríntios 13:1). Como Gundry apontou, os condicionais de 13:1–3 são hipotéticos.¹¹ Paulo não propõe nenhuma

⁹ Samarín, *op. cit.*, pp. 73-128. Cf. a classificação em Emile Lombard, *De la glossolalie chez les premiers chrétiens et des phénomènes similaires, étude d'exégèse et de psychologie* (Lausanne, 1910).

¹⁰ Sobre as dificuldades perceptuais com tal identificação, cf. Williams, *op. cit.*, p. 26; e Samarín, *op. cit.*, pp. 107-15.

¹¹ *Op. cit.*, p. 301, contra C. K. Barrett, *A Commentary on the First Epistles to the Corinthians* (New York: Harper & Row, 1968), pp. 299ss.

teoria de que as línguas sejam angélicas ou idiomas humanos, mas apenas mantém que elas não são de primeira importância.

Em segundo lugar, o interesse em fazer distinções entre as alternativas (a)-(d) acima é derivada do espírito científico moderno, e é alheia ao primeiro século. O cristão típico do primeiro século provavelmente não tinha nenhuma “teoria” sobre o status lingüístico das línguas. Ele simplesmente aceitava a avaliação de 1Coríntios 14:2 e deixava o assunto como estava.¹²

Terceiro, não há nenhuma indicação que o apóstolo Paulo tenha alguma vez comunicado aos coríntios alguma distinção sobre tipos de línguas linguisticamente diferentes, ou sobre línguas “reais” vs. “falsas”. Antes, o método de Paulo era afirmar que as línguas em geral são um dom do Espírito (1Coríntios 12:10, 30), e então distinguir entre um *uso* apropriado e impróprio (1Coríntios 14:26–33a, 39-40).¹³ Mesmo que Paulo tivesse alguma vez mencionado aos coríntios uma distinção lingüística, ele não abordou isso em 1Coríntios. Quando nenhuma distinção semelhante foi introduzida, o leitor coríntio estaria obrigado a assimilar rapidamente o significado de *lalein glōssē* a algo que ele poderia captar fenomenalmente. Por conseguinte, para o coríntio, qualquer coisa que *soasse como* falar em línguas e *funcionasse* com falar em línguas *era* “falar em línguas”. Em outras palavras, se algo da natureza de (a)-(d) tivesse ocorrido num culto de adoração em Corinto, provavelmente teria sido considerado pelo cristão coríntio ordinário como um caso de línguas. Se Paulo pensava de outra forma, ela não comunicou isso nas epístolas aos coríntios.

Por conseguinte, não temos nenhuma forma de determinar, a partir das epístolas aos coríntios, quais dos casos (a)-(d) ocorreram, ou se todos eles ocorreram. A suposição de um historiador deve, portanto, ser baseada sobre sua estimativa da probabilidade intrínseca de Deus realizando ou não vários tipos de “milagres” em Corinto, não sob indicações específicas nas próprias epístolas aos coríntios.

Westminster Theological Seminary,
Filadélfia

¹² Assim, dizer “São Paulo entendia a glossolalia como sendo falar em idiomas estrangeiros” (J. D. Davies, *J.T.S. N.S.* 3 (1952), p. 231), é basicamente correto, todavia, é muito específico em sua sugestão que devamos ter algum idioma humano ordinário como o chinês ou o banto. Como Williams apontou, *glōssa* e *hermēneuō* não tem esta especificidade quando “o assunto de investigação é o que parece ser um novo fenômeno ou pelo menos um que não é familiar num contexto particular” (*op. cit.*, p. 17).

¹³ Mas 1 Cor. 12:2ss coloca um limite para todas as manifestações extraordinárias do Espírito. Cf. Tugwell, *op. cit.*, pp. 139ss